

## Manter acesa a chama: Ecumenismo e Igrejas Cristãs - a contribuição do CEBI

*Keeping the flame burning: Ecumenism and the Christian Churches - CEBI's contribution*

Francisco Orofino  
CEBI - Brasil

### Resumo

Este artigo busca partilhar a experiência de uma educação popular ecumênica através da metodologia da Leitura Popular da Bíblia feita pelo Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), dentro do processo de recepção do Decreto Unitatis Redintegratio, do Vaticano II. Para o CEBI um método de Leitura Popular da Bíblia deve ser, obrigatoriamente, libertador e ecumênico.

### Palavras-chave

Ecumenismo.  
Leitura Popular da Bíblia.  
Educação Popular.

### Abstract

This article seeks to share the experience of an ecumenical popular education through the methodology of Popular Bible Reading carried out by the Center for Biblical Studies (CEBI), within the process of receiving Vatican II's *Unitatis Redintegratio* Decree. For CEBI, a Popular Bible Reading method must be liberating and ecumenical.

### Keywords

Ecumenism.  
Popular reading of the Bible.  
Popular Education.



## Introdução

“O Concílio declara estar consciente que este propósito de reconciliar todos os cristãos na unidade de uma só e única Igreja excede as forças e os dotes humanos” (UR 24)

Celebrando os 60 anos do Decreto *Unitatis Redintegratio*, sobre o ecumenismo, venho aqui partilhar a caminhada do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) no processo de recepção deste documento conciliar. Desde o início de sua caminhada, em 1979, buscando construir caminhos ecumênicos com as igrejas cristãs, o CEBI integrou a dimensão *Ecumenismo* em sua prática de leitura popular da Bíblia, a ponto de, posteriormente, ser chamado de Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos.

Desde o início, o CEBI percebeu que os problemas em torno da questão do Ecumenismo nos grupos populares de estudos bíblicos acontecem, muitas vezes, por falta de informações. Esta carência de dados sobre as propostas ecumênicas das Igrejas, sejam elas históricas, pastorais ou teológicas, gera uma série de barreiras e preconceitos, revelando a problemática e deficiência da formação eclesial dos fiéis. Tais preconceitos foram sendo inculcados, ao longo do tempo, por nossas respectivas denominações ou igrejas (Bobsin, 2002, p. 32-33)<sup>1</sup>.

Assim, o CEBI apontou caminhos para que o material produzido para a reflexão dos grupos bíblicos promovesse uma reflexão popular, onde o ecumenismo se torne uma realidade, mesmo que o grupo fosse formado apenas por pessoas pertencentes a uma mesma denominação ou igreja. Isso porque o ecumenismo deve partir destas reflexões comuns, gerando práticas comuns onde participam pessoas de diferentes comunidades, igrejas ou denominações. O que segue neste artigo é um resumo das sugestões apontadas pelo CEBI ao longo destes últimos anos, propostas como uma contribuição na recepção do *Unitatis Redintegratio*, a partir de 1979.

---

<sup>1</sup> Para uma visão atual deste quadro de resistências ao ecumenismo provocado por conflitos na formação dos fiéis das diferentes denominações.

## O trabalho prévio individual

Qualquer proposta pastoral, uma caminhada comum, começa sempre com uma predisposição pessoal em participar. Cada pessoa deve entrar num processo próprio antes de participar do grupo de reflexão, perguntando-se: “Esta questão do ecumenismo é para valer mesmo?” Ou, então, pensando, como a grande maioria: “eu, na verdade, não entendo nada disso...e esta coisa de igrejas caminharem juntas não me convence muito!”

Assim, uma primeira e importante proposta é realizar uma revisão pessoal da caminhada ecumênica. Uma revisão que deve partir da experiência pessoal em relação ao ecumenismo. Cada participante deve avaliar, refletir, buscar na memória como foi sua caminhada pessoal a partir das posições dentro da família, na rua, no bairro, na catequese das igrejas, no seu ambiente de trabalho etc. Deve conseguir reconstruir todo o processo que gerou desafios, dificuldades e preconceito.

Um modelo de roteiro<sup>2</sup> (Conselho Nacional do CEBI, 1997, p. 5-6) para este trabalho prévio individual incluía questões como:

- Procure reconstituir, desde sua infância até hoje, o processo de formação de sua identidade eclesial. Você se sente bem na sua igreja?
- Quais são suas ideias e concepções sobre as outras igrejas cristãs? E sobre outras religiões? E sobre o ateísmo? Lembre-se de fatos, imagens ou acontecimentos que ficaram na sua memória.
- O que se dizia em sua família, na sua igreja, na sua escola, na sua rua sobre as outras igrejas? E sobre as religiões afro-brasileiras? E sobre as religiões indígenas? Como você tratava as pessoas que seguiam estas propostas religiosas diferentes?
- O que você aprendeu sobre Deus? Você aprendeu de sua igreja que seu Deus é o Único Deus Verdadeiro? Que a tradição religiosa através da qual você se relaciona com este Deus é a única verdadeira?
- Que importância ou influência esta forma de ver a Deus teve na sua visão sobre outros e outras? De que maneira esta postura definiu seu comportamento e seus relacionamentos com outras pessoas? Houve alguma modificação ao longo de sua vida? Por quê?

---

<sup>2</sup> A elaboração deste roteiro foi parte do processo da XIV Assembleia.

- Quais foram os fatos ou os momentos em que estas imagens de Deus foram se modificando? Quais foram as modificações que ocorreram? O que motivou sua mudança de visão?
- Como você está hoje? Quais são seus pensamentos, atitudes, inquietações e relações numa perspectiva ecumênica?
- Nesta proposta de ecumenismo o que mais lhe incomoda? Por quê?
- Nesta proposta de ecumenismo, o que mais lhe liberta e alegra? Por quê?

Um roteiro como este ajudava muito na construção do grupo de reflexão. A partilha das respostas permitia que as pessoas mergulhassem em suas vidas pregressas e, ao mesmo tempo, revelava as dificuldades em relação ao ecumenismo. Percebia-se que muitas atitudes anti-ecumênicas vinham de questões relacionais e afetivas adquiridas na formação familiar ou eclesial.

### **A proposta de trabalho bíblico numa perspectiva ecumênica**

Os roteiros bíblicos para acentuar a proposta do ecumenismo tinham um espaço bem definido: as igrejas cristãs. Assim, os textos eram selecionados a partir do que era comum às várias igrejas cristãs. Ou seja, havia uma preocupação em buscar primeiro o que nos é comum a todos e todas e, a partir daí, tentar construir laços firmes e sólidos de convivência e de prática pastoral entre as igrejas cristãs, a partir desse chão comum. Buscou-se construir um projeto ecumênico popular, onde a preocupação principal seria o anúncio do Reino de Deus (Santa Ana, 1987, p. 116-121; 177-218).

Dentro desta proposta, os eixos privilegiados foram: aprofundar uma *identidade* comum, percebendo que, por trás de nossa diversidade eclesial, formamos uma mesma e ampla *família* comum, já que todos queremos seguir o Evangelho de Jesus de Nazaré. Temos, portanto, um *seguimento* comum.

Assim nos encontramos dentro de uma *casa* comum: a Igreja de Cristo. Esta Igreja se reúne ao redor da *Palavra* e da *Oração*, que são comuns a todos e todas. Em resposta a essas propostas, percebemos que temos uma *missão* comum. Esta missão deve nos predispor para um amplo *diálogo* evangelizador, primeiro entre nós mesmos, visando ao reforço de um *respeito* comum. Depois, com todas as pessoas que buscam a Deus. Afinal, se há uma proposta comum a todas as pessoas que estão no seguimento de Cristo, é porque queremos

construir algo bem mais amplo do que qualquer igreja cristã: o Reino de Deus. Este é o nosso grande *horizonte* comum.

### **A identidade comum**

A grande maioria da população brasileira se diz cristã. Todos reivindicam para si o título de cristão. Mas, o que diz a Bíblia?

A primeira coisa a ser lembrada por todos os que se dizem cristãos é que Jesus de Nazaré nunca foi cristão. Ele era um leigo judeu que morava numa pequena aldeia do interior da Galileia. Trabalhava na carpintaria e na roça. Depois assumiu a vida de um pregador itinerante. Mas sempre frequentou as sinagogas. Uma vez, quando chegou a sua aldeia de Nazaré, Jesus vai para a sinagoga e faz a leitura das escrituras “como era seu costume” (Lc 4,14).

Da mesma forma, seus primeiros seguidores e seguidoras também não se consideravam “cristãos”, mas judeus. Todos frequentavam as sinagogas e rezavam as orações conforme os rituais judaicos. Posteriormente, após o desaparecimento do Ressuscitado, os seguidores e as seguidoras de Jesus tinham diferentes maneiras de se identificar. A mais comum era se considerar “no Caminho” (Mt 7,14; At 9,2; 1Cor 4,17; Jo 14,4-7). Mas logo se entendiam como “assembleia” ou “igreja” (1Ts 1,1; 2,14; Mt 16,8; At 5,11). Muitos se consideravam “os pobres” (Mt 5,3; Gl 2,10) ou “os santos” (1Cor 16,1; 2Cor 8,4). Tais diferenças nas identidades primitivas manifestam uma diversidade de comunidades formadas por pessoas que mudavam de vida e entravam no seguimento de Jesus.

Apesar destas diferenças, havia uma grande ligação entre as comunidades. As comunidades de Jerusalém enviaram Barnabé para Antioquia, para entender o que estava acontecendo lá (At 11,22). Percebendo a novidade vivida nas comunidades de Antioquia, congregando no mesmo espaço celebrativo fiéis vindos do judaísmo com fiéis vindos da gentildade, Barnabé foi buscar Saulo em Tarso, para ele vir trabalhar em Antioquia (At 11,25). Saulo permaneceu trabalhando em Antioquia por cerca de um ano.

Em Antioquia, Barnabé e Saulo começam um amplo trabalho de evangelização através da equipe missionária (At 13,2) levando a proposta da comunidade para outros lugares. É neste trabalho missionário que Saulo

descobre sua verdadeira identidade e muda seu nome para Paulo (At 13,9). Provavelmente, é aqui que se origina a opção de aulo por privilegiar a evangelização dos gentios (Rm1,16-17).

Nestes trabalhos missionários, Barnabé e Paulo levam uma proposta de comunidade vivida em Antioquia: a comunhão de mesa. Esta prática comunitária diferente em Antioquia é percebida por aqueles de fora, tanto pagãos quanto judeus. Para diferenciar a comunidade de Antioquia de outras comunidades judaicas, os gentios começam a chamar os seguidores e seguidoras de Jesus de “cristãos” (At 11,26). Nasce assim uma denominação que vai se generalizando aos poucos e acaba por definir qualquer pessoa que está no seguimento de Jesus Cristo.

Com a palavra “cristão”, os gentios de Antioquia queriam definir os que eram partidários de “em certo *Chrestos*”, como explica um historiador romano chamado Tácito. Fica evidente que, nesta época, Jesus de Nazaré é chamado simplesmente de Cristo. “*Chrestos*” traduz para o grego a palavra hebraica *Mashiah*, em português *Ungido*. Segundo o mesmo historiador Tácito, o imperador Cláudio, no ano 49 EC, havia expulsado vários judeus de Roma devido às brigas “estimuladas por um certo *Chrestos*”. Percebemos, assim, que a palavra *cristão* soa meio pejorativa entre os pagãos. De qualquer forma, foi por causa deste decreto de Cláudio que o casal de cristãos, Áquila e Priscila, abandonou Roma e se mudou para Corinto (At 18,2-3) (Mesters; Orofino, 2002, p. 149-153; 240-246).

Foi assim que o povo de Antioquia deu a todas as pessoas que entravam no Caminho de Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus, uma identidade comum: estes não são mais como os outros judeus. Estes são todos cristãos.

### **A família comum**

O cristianismo primitivo revela uma enorme riqueza: a ampla diversidade de seus membros. No capítulo 16 da Carta aos Romanos, Paulo envia saudações para um grande número de pessoas que se congregam naquela igreja. Pelos nomes destas pessoas, percebemos uma diversidade de origens e de culturas: origem judaica (Áquila, Prisca, Maria); origem grega (Apeles, Epêneto, Trifena, Trifosa); origem latina (Júlia, Urbano, Rufus). Muitos têm nomes de escravos, o

que impede definir sua origem, pois poderiam ser de qualquer parte do império romano (Amplíato, Nereu, Flegonte). Esta diversidade de nomes, origens e culturas mostra que as comunidades em Roma reuniam pessoas diferentes numa mesma casa: a igreja de Cristo em Roma.

Paulo chama esta casa comum de “Igreja de Cristo”. Esta definição vale tanto para uma pequena comunidade doméstica (Rm 16,5) quanto para a reunião de várias comunidades numa mesma cidade (1Ts 1,1). Assim, a partir do que Paulo ensina, nenhuma igreja é mais importante que a outra. Talvez uma tenha centenas de adeptos, enquanto outra reúne apenas os familiares de alguém. Não importa o número. Todas fazem parte da mesma família de Deus. Nada deve impedir o diálogo dentro de uma mesma família. Afinal, quando se dialoga, o que importa é a Palavra e não o número de fiéis (CRB, 1995, p. 42-54)<sup>3</sup>.

O cristianismo surgiu numa diversidade de experiências domésticas, traduzidas em diferentes formas de comunidades. Percebemos bem as diferenças entre as comunidades surgidas a partir do trabalho missionário de Paulo e as comunidades que seguiam a liderança do Discípulo Amado. Os diferentes escritos presentes no Novo Testamento são testemunhos desta grande diversidade formada pelas diferentes comunidades.

Nesta diversidade de comunidades originais, percebemos também que no cristianismo primitivo, existem e convivem diferentes “confissões” da mesma fé. No evangelho de Marcos, as comunidades seguem a profissão de fé dita por Pedro (cf. Mc 8,27-30). No evangelho de João, a comunidade segue a fé explicitada por Marta (Jo 11,21-27). Apesar de serem comunidades diferentes em lugares distintos, ambas fazem parte de uma única família, onde todos e todas professam que Jesus Cristo é o Messias, o Filho do Deus Vivo.

### **O seguimento comum**

Seguir Jesus nunca significou decorar dogmas, doutrinas ou catecismos. Não requer entender conteúdos doutrinários ou participar de determinados ritos litúrgicos. Seguir Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus, é viver em sua vida o que Jesus fez da vida dele. É evidente que, para saber o que Jesus viveu,

---

<sup>3</sup> Para as tensões causadas pela diversidade dentro das comunidades cristãs.



precisamos ler e estudar seus gestos e palavras guardados nos Evangelhos. Mas seguir Jesus se resume num gesto muito prático: trilhar o caminho que Jesus trilhou (Orofino; Mesters, 2021, p. 21-24)<sup>4</sup>.

Estar no caminho exige de qualquer pessoa uma ruptura. No Novo Testamento esta atitude é definida pela palavra *metanoia*. A raiz desta palavra grega é *nous*, que significa “mente”. Ou seja, a melhor tradução para *metanoia* é “mudar a cabeça”. Entrar no seguimento de Jesus implica em romper com todas as seguranças pessoais e correr muitos riscos. Mudar de mentalidade é um processo muito difícil, principalmente quando exige rupturas com a maneira de pensar, de crer, de viver a fé e a religião.

Um exemplo deste processo é o que acontece com o mendigo Bartimeu (Mc 10,46-52). Ele estava “fora do caminho”, ou seja, excluído de tudo. Não tinha nada, não via nada e pedia esmolas. Mas Bartimeu ouvia bem. Ele sabia da existência de Jesus de Nazaré, embora não soubesse bem quem era Jesus. Em seu grito, ele chama Jesus de “Filho de Davi”, um título que Jesus não gosta muito (cf. Mc 12,35-37), já que a ideia de um messianismo régio não estava nos planos de Jesus. Mas mesmo tendo uma ideia errada a respeito de Jesus, Bartimeu tem uma prática certa: ele quer entrar no mesmo caminho que Jesus está trilhando. Seguir Jesus não é uma questão de ter uma doutrina certa, mas de ter uma prática certa.

Muitas foram as tentativas de definir Jesus de Nazaré. Quando lemos o Novo Testamento, encontramos uma grande quantidade de títulos diferentes para Jesus de Nazaré: Filho do Homem (Mc 8,31); Filho de Deus (Mc 15,39); Filho do Altíssimo (Lc 1,31); o Santo de Deus (Jo 6,69); o Cordeiro de Deus (Jo 1,29), o Nazareno (Mt 2,23); o Rei dos reis (1Tm 6,15); o Primeiro e o Último (Ap 22,13). Esta diversidade de títulos mostra a tentativa de as várias comunidades cristãs expressar sua interpretação da figura histórica de Jesus de Nazaré. Apesar destas diversidades de interpretações, todas as comunidades estavam no mesmo caminho: o seguimento comum.

---

<sup>4</sup> Para a prática libertadora de Jesus.

### A casa comum

A experiência da Ressurreição de Jesus foi como um terremoto na vida de seus seguidores e seguidoras (cf. Mt 28,2-3). Esta explosão de um novo sentido para a vida e a descoberta da importância da prática de Jesus na vida deles levou a uma aglutinação destas pessoas num espaço novo e diferente: a comunidade cristã. Aos poucos, foram se formando diferentes comunidades em diferentes lugares. Mas, em os lugares, as comunidades se construíram sobre quatro pilares (cf. At 2,42-47): *a religiosidade popular* (oravam no templo e celebravam nas casas); *uma nova formação* (perseveravam nos ensinamentos dos apóstolos); *uma nova liturgia* (partiam o pão nas casas com simplicidade de coração) e *uma radical comunhão de bens* (repartiam conforme a necessidade de cada um).

Desde as origens, o sinal desta nova experiência feita em nome de Jesus era a partilha, seja do pão, seja dos bens. Seguir Jesus significava acolher e aceitar o “sinal do pão” (Mc 6,51-52; 8,14-21): a partilha que gera um banquete de vida para todos e todas. O casal que encontra Jesus no caminho para Emaús (Lc 24,13-35) só percebe que o Desconhecido que caminhou com eles até a casa deles era Jesus Ressuscitado quando ele partiu o pão. Assim, para as comunidades, partilhar o pão nas casas é partilhar a experiência cristã da Ressurreição, comum a todas as casas cristãs.

Uma casa cristã é uma pequena igreja. Paulo sempre manda saudações para uma igreja doméstica, citando o nome do casal (Rm 16,3-5; Fm 1). Estas casas são sinais de que o Reino já está se concretizando. Não são casas fechadas em si mesmas, mas abertas e acolhedoras, engajadas para o trabalho missionário de testemunhar o Ressuscitado (At 13,2-3).

### O livro comum

Em qualquer lugar do mundo, qualquer comunidade cristã reúne-se em torno da Palavra de Deus contida numa Bíblia (Dreher, 2006a, p. 166-174)<sup>5</sup>. A Bíblia é fruto da caminhada do Povo de Deus. Ela vai surgindo a partir da vida e das experiências das pessoas que, acreditando no Deus da Vida, empenham-se na prática da liberdade, da justiça e da fraternidade. A Bíblia encerra, nos

<sup>5</sup> Para a presença da Bíblia nas várias comunidades cristãs.

vários livros contidos nela, uma experiência comunitária de Deus. Por isso, o mais importante na Bíblia não é o escrito em si mesmo. Ao ler os escritos, é necessário captar o Espírito para podermos viver hoje a mesma fé na liberdade, na justiça e na fraternidade.

Quando centramos toda nossa devoção e adoração a um determinado objeto, transformamos este objeto num ídolo. Hoje, muitas igrejas idolatram a Bíblia. Ora, a Bíblia por si só não salva ninguém. É bom lembrar que Jesus nunca teve ou usou uma Bíblia. Por outro lado, os ensinamentos de Jesus têm como ponto de partida várias passagens dos livros da Bíblia. Jesus nunca mandou decorar estas passagens, mas pediu que se observasse aquilo que o Espírito pede através das passagens: acolher, partilhar, cuidar, amar, servir etc.

Toda a Bíblia é Palavra de Deus, mas a Palavra de Deus é maior que a Bíblia. Paulo, preocupado em evangelizar os gregos e a cultura deles, parte da religiosidade e de escritos de seus ouvintes (cf. At 17,22-31). Ele não se preocupa em fazer uma doutrinação decorada a partir de determinados versículos bíblicos, mas busca apontar o Deus da Vida já existente na cultura grega e associá-lo ao Deus revelado nas Escrituras. Desta forma, Paulo busca sinais da Palavra de Deus já presentes na cultura grega.

A maneira de Jesus ler e interpretar a Bíblia é importante para qualquer cristão. Quando ele chega à sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-19), faz a leitura de uma passagem de Isaías. A partir desta passagem, Jesus começa a pregar o Reino. Ou seja, Jesus lê a Bíblia com o povo de sua cidade, na comunidade celebrativa, mas faz uma interpretação com olhos novos. Esta maneira nova de ler a Bíblia causa dificuldades para Jesus diante dos seus. A partir daí, todo o trabalho de Jesus encontra forte resistência na maneira com que os fariseus liam a mesma Bíblia (Mc 7,9-13).

A Bíblia não é uma arma para agredir, condenar ou excluir. Pelo contrário, é uma proposta hospitaleira onde qualquer pessoa deve se sentir acolhida. A Bíblia nos ensina a ler a Vida para que descubramos nela a presença de Deus. Esta busca pela Vida mostra que a Palavra já está presente na vida de muita gente que nunc ateuve uma Bíblia nas mãos. É bom lembra que Jesus disse: *eu vim para que todos tenha Vida* (Jo 10,10). Jesus nunca disse “eu vim para que todos tenham Bíblia”.

## A oração comum

De todas as orações cristãs, sem dúvida a mais conhecida é a oração que o próprio Jesus ensinou (cf. Lc 11,2). É a oração que se popularizou com o nome de Pai Nosso. Esta oração nos chega em duas versões: a de Mateus (Mt 6,9-13) e a de Lucas (Lc 11,1-4). Em Lucas, temos uma versão mais curta e dentro de um contexto identitário: os discípulos pedem a Jesus uma oração “da mesma maneira que João ensinou aos discípulos dele”. Já em Mateus, a mesma oração, numa versão mais longa, está dentro do contexto das práticas cristãs de piedade: a esmola, a oração e o jejum.

A versão de Mateus nas Bíblias evangélicas acrescenta uma conclusão: “Pois teu é o Reino, o Poder e a Glória para sempre. Amém!” Tal acréscimo, ausente nos manuscritos mais antigos, origina-se nos ambientes litúrgicos das antigas comunidades. Por isso mesmo, este acréscimo faz parte do atual Pai Nosso Ecumênico usado nas celebrações ecumênicas. Da mesma maneira, em alguns manuscritos antigos havia um acréscimo ao Pai Nosso em Lucas, que vinha logo após o pedido pelo pão cotidiano: “Que vosso Espírito venha sobre nós e nos purifique”. Estes acréscimos mostram que a oração não era uma fórmula fechada, mas um espaço aberto para que as comunidades pudessem expressar seus pedidos com liberdade.

Podemos perceber também outras diferenças entre as duas versões. A versão de Mateus, mais alinhada à tradição orante judaica, traz o pedido do perdão das “dívidas”, em conformidade com a espiritualidade do Ano Jubilar. Já a versão de Lucas, mais voltada para os cristãos oriundos da gentilidade, troca a palavra “dívida” por “pecado”. A partir do original aramaico, ambas as traduções estão certas. Hoje, os católicos rezam pedindo o perdão das “ofensas”.

A oração que Jesus nos ensinou é um pequeno salmo elaborado por ele dentro da espiritualidade judaica, o tronco de onde derivam todas as nossas igrejas. É uma pequena releitura do Êxodo, onde se recorda a santificação do Nome de Deus; a vontade de Deus que orienta a caminhada do povo; o pão/maná partilhado que sacia a fome do povo; o perdão das dívidas e a

proteção contra o Maligno. Rezar o Pai Nosso é renovar o compromisso de todas as comunidades cristãs com o Reino de Deus.

### **A missão comum**

Quando os exilados voltaram da Babilônia, um profeta ou uma profetisa, de quem não sabemos o nome, pede que os retornados façam uma nova experiência de Deus (Is 40 - 55). Longe de desanimar com os desafios e problemas do exílio, a comunidade de Israel, identificando-se com o Servo, acredita poder recomeçar a vida dentro de uma nova proposta de relacionamentos: um relacionamento novo com Deus e com o próximo, construído a partir da constatação de que Deus se revela no meio dos pobres (Is 57,15). Esta descoberta surge como uma Boa Nova para todos, tanto judeus quanto gentios (Is 40,9; 41,27; 52,7). Todo o povo era chamado a ser luz para todas as nações (Is 42,6; 49,6; 52,10).

Jesus assume este projeto (Lc 4,14-21). Congregando pessoas ao seu redor, ele anuncia a irrupção do Reino de Deus. Ao revelar-se com o Servo de Deus, ele se torna luz para todas as nações (Lc 2,29-32). Ele proclama a boa nova aos pobres (Mc 1,15), perdoa e confraterniza com os pecadores (Mt 9,10-13), sacia as multidões famintas (Jo 6,1-15), abre os olhos aos cegos (Jo 9,17), reintegra os excluídos e marginalizados em suas casas (Mc 1,26-28). Agindo desta maneira, Jesus renova a Aliança entre Deus e o povo (Mt 21,1-17).

As comunidades cristãs devem, portanto, continuar esta mesma proposta (At 2,42-47). Os seguidores e seguidoras de Jesus devem mostrar, através do compromisso assumido no batismo, que Deus nos ama e está presente no meio da humanidade (Lc 10,21-24). Esta atitude prática é mais importante do que qualquer doutrina eclesial. Afinal, Deus se revela em Jesus no meio dos pobres, longe de qualquer estrutura oficial, como templos, sinagogas ou basílicas.

Segundo Paulo, uma comunidade ou igreja cristã deve ser, ela mesma, “a carta de Cristo, reconhecida e lida” (2Cor 3,2-3) por qualquer pessoa, em qualquer lugar. A vida e a atuação de uma comunidade cristã devem ser um sinal, uma boa notícia, uma amostra evidente do Reino que o Pai tem em mente

e que Jesus realizou. Como membros de uma igreja cristã, essa é também a nossa missão comum.

### **O respeito comum**

O processo de fechamento de uma comunidade acarreta duplo processo: a construção de muros que a isolam e o menosprezo daqueles que estão fora destes muros. Em Mc 9,38-41, percebemos este processo nas primeiras comunidades. Neste curto episódio, o apóstolo João, irmão de Tiago, proíbe alguém de expulsar demônios “em nome de Jesus” porque esta pessoa não pertence ao grupo dos seguidores e seguidoras de Jesus. João age como se fosse o dono da verdade e da comunidade, como se a comunidade fosse a dona de Jesus. Portanto, para João, quem não é da comunidade não pode agir em nome de Jesus. São sintomas claros da lógica do poder.

Esta atitude de João é mesmo uma atitude muito fechada, como se Jesus tivesse vindo apenas para aqueles e aquelas que fazem parte de uma igreja ou de uma instituição eclesial. Em sua resposta, Jesus mostra que nem sempre os que fazem o bem estão caminhando com ele. Da mesma maneira, nem todos os que estão na comunidade fazem o bem. Ou seja, “fazer o bem” e “estar na comunidade” nem sempre coincidem. O que é triste!

Jesus é maior do que qualquer comunidade ou igreja. Da mesma maneira, não há uma instituição humana capaz de reter, guardar e controlar toda a riqueza da vida e da proposta de Jesus. O que Jesus pede é que a misericórdia, a solidariedade, a caridade e o amor sejam patrimônio de todas as pessoas, independentemente de sua denominação, instituição, comunidade ou igreja (Orofino; Mersters, 2021, p. 33-34). Jesus ensina que não existe uma pessoa que, ao fazer o bem em nome dele, possa ser contrária aos seus ensinamentos e propostas.

Reconhecer que Jesus pode ser acolhido e seguido por pessoas que são diferentes ou que não são de uma determinada comunidade é um passo importante na reconciliação entre as igrejas cristãs. O ecumenismo pede acolhimento do diferente que está na mesma prática em defesa da Vida, nas suas múltiplas manifestações. Este processo de acolhimento e de respeito mútuo é um caminho seguro em qualquer proposta ecumênica. Acolher o

diferente implica em atitudes concretas como respeito, sensibilidade, abertura, diálogo, amizade. Por isso mesmo, necessitamos de maiores informações sobre as diferentes comunidades cristãs, buscando conhecê-las melhor para amá-las melhor.

### O diálogo comum

Nos bairros das grandes cidades, e mesmo nas pequenas comunidades rurais, há um grande número de religiões: católicos, protestantes, pentecostais, centros espíritas, terreiros de candomblé ou de umbanda. Uma grande diversidade em pequenos espaços. Muitas vezes, esta profunda diversidade se faz presente nas casas de muitas pessoas. Na busca de manter a unidade dentro de casa, apesar da diversidade religiosa, muitas pessoas aprendem a ser ecumênicas por força das circunstâncias caseiras.

A leitura bíblica mostra que havia em Israel uma corrente de espiritualidade muito forte que defendia uma abertura universal, mostrando que, para o Criador, todos os povos, raças e nações são iguais. Esta abertura aparece em muitas passagens. Em Abraão, todas as nações da Terra serão abençoadas (Gn 12,3; Eclo 44,21; Gl 3,8); Amós ridiculariza a pretensão de Israel ser um povo destacado, lembrando que Deus também tirou os filisteus da Cáftor e os arameus de Quir (cf. Am 9,7); Isaías lembra que Deus cuida também dos outros povos (Is 19,22-25; 56,1-9). Livros como Rute, Jonas e Jó dão ênfase a esta abertura universal. Nem Rute nem Jó pertencem ao povo de Israel.

Também no Novo Testamento encontramos esta abertura. Os magos que vieram do Oriente para visitar Jesus são o grande símbolo desta posição universal (Mt 2,1-12). Jesus acolhe a mulher cananeia (Mc 7,24-30) e dialoga com a samaritana (Jo 4,42). Recebe e acolhe gregos (Jo 12,20-21). O apóstolo Paulo logo compreendeu este mistério revelado nas ações de Jesus: Deus quer salvar a todos, judeus e gentios (Rm 3,27-31) (Santa Ana, 1987, p. 183-201)<sup>6</sup>. Em Cristo, todas as diferenças devem ser superadas: raças, etnias, culturas, gêneros, convicções, igrejas, religiões, classes (cf. Gl 3,23-29). O evangelho de João lembra que Jesus é a luz que ilumina todo ser humano que vem a este mundo (Jo 1,9).

<sup>6</sup> Sobre o pensamento e a prática de Paulo.

As comunidades foram aprendendo tais ensinamentos muito lentamente. O caminho para que esta proposta tornasse o cristianismo uma religião “católica”, ou seja, “universal”, foi a construção de instrumentos de diálogo. Na vida eclesial, estes instrumentos são as assembleias, os encontros, os sínodos, os concílios. Adotar estes instrumentos não foi algo que aconteceu de uma hora para outra. Mas, uma vez determinado o caminho, não sem muitas discussões, as comunidades perseveraram sempre na abertura para o diferente. Atos dos Apóstolos, retomando a teologia paulina, mostra o processo de aceitação e de acolhida do prosélito Nicolau (At 6,5); do peregrino etíope (At 8,36-38); do pagão Cornélio (At 10). As amarras da pureza legal do antigo judaísmo, que segregava muita gente, foram sendo superadas. A resistência de cristãos presos às amarras segregacionistas da pureza legal judaica foi vencida definitivamente no Concílio de Jerusalém (At 15). O diálogo venceu! (Comblin, 1987, p. 59-60)<sup>7</sup>.

### O horizonte comum

Até hoje, existe uma grande divisão entre as diferentes igrejas cristãs, divisão esta que muitas vezes nos faz perder de vista o objetivo maior da existência destas igrejas. As igrejas existem para implantar o Reino de Deus. Todas são chamadas a participar da construção do Reino. Elas são instrumentos, tendo em vista um horizonte utópico comum a todas elas: Deus ser tudo em todos (1Cor 15,28).

As igrejas cristãs não têm uma finalidade em si mesmas. Elas são o meio através do qual todos os cristãos se lançam na construção do Reino. Quando o reino de Deus triunfar de uma maneira definitiva, todas as igrejas desaparecerão. Como lembra Paulo, “quando chegar a perfeição, o que é limitado desaparecerá” (1Cor 13,10).

Mas o que é o Reino de Deus? Segundo Paulo, o Reino de Deus é “justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14,17). Para o apóstolo, o Reino se fará presente quando qualquer pessoa que vier a este mundo sentir dentro de si a imensa alegria de viver em Deus. Para que isso aconteça, é necessário construir

---

<sup>7</sup> Comblin alerta que o Vaticano II deveria ter retomado esta proposta de diálogo esboçado pela teologia paulina.



a paz nas relações humanas e ecológicas. Devemos sempre procurar a paz e a mútua edificação (Rm 14,19). Mas todos sabemos que a paz é fruto da justiça. Construir o Reino de Deus é colocar toda a força de nossas igrejas na luta por justiça, tendo em vista uma sociedade igualitária, humana e fraterna.

Jesus diz que os sinais do Reino já estão entre nós (Lc 17,20-21). O Reino se faz presente nas nossas comunidades que acolhem, partilham, comungam a vida de seus membros e se abrem para integrar os que buscam e que chegam. São comunidades que rezam e que celebram a certeza da chegada definitiva do Reino. As igrejas cristãs são sinais de que Deus irá armar definitivamente sua tenda no meio da humanidade. Ele será o Deus-conosco e nós seremos o Povo de Deus. As coisas antigas terão passado. No reino de Deus todas as coisas são novas (cf. Ap21,3-4). Assim, a caminhada de nossas igrejas terá atingido seu objetivo. Terão chegado a bom termo. E elas desaparecerão, felizes e realizadas.

### **Algumas conclusões**

Lançando algumas luzes sobre a caminhada ecumênica nestes últimos tempos, temos que admitir que esta caminhada nunca foi retilínea, ascendente, uniforme. Sempre foi tortuosa, cheia de altos e baixos, com avanços e recuos. Nestes últimos anos, percebemos grande dificuldades (Libanio, 2001, p. 37-39).

Para alguns, estas dificuldades surgiram com a carta encíclica *Ut unum sint*, de João Paulo II, de 1995. A partir dela, muitas instituições ecumênicas se enfraqueceram, como o CONIC. Para outros, a crescente pentecostalização das bases das igrejas protestantes históricas contribuiu muito mais para estancar o diálogo ecumênico. As dificuldades nos meios católicos ficaram evidentes com o velado boicote de grande parte do episcopado à CF Ecumênica de 2021 - *Fraternidade e Diálogo - Compromisso de Amor*. Ainda que se queira dar como justificativa a pandemia da Covid 19, na verdade foi grande o número de dioceses católicas que simplesmente ignorou a CF 2021.

Temos que admitir que as dificuldades no campo do ecumenismo são grandes para todas as igrejas cristãs. Existe um mal-estar interno dentro da Igreja Católica que desacredita qualquer esforço ecumênico. Por outro lado, aumentam cada vez mais as denominações evangélicas radicalmente

proselitistas e refratárias a qualquer tipo de diálogo ecumênico. Uma tendência que está firmando cada vez mais (Dreher, 2006b, p. 83-93).

O ecumenismo sempre foi o grande sonho de São João XXIII. Já em 1960, ele criou o Secretariado para a União dos Cristãos. Este Secretariado cumpriu um excelente papel ao longo do Vaticano II e a *Unitatis Redintegratio* é o grande fruto deste esforço todo. Devemos manter aceso o sonho deste santo Papa. Que este sonho nos anime a continuar na penosa caminhada ecumênica.

## Bibliografia

BOBSIN, Oneide. *Correntes Religiosas e Globalização*. São Leopoldo: IEPG - CEBI - PPL, 2002.

CONSELHO NACIONAL DO CEBI. *Deus tudo em todos: Acolhendo o diferente e defendendo a Vida*. Relatório da XIV Assembleia Nacional. São Leopoldo: CEBI, 1997.

COMBLIN, José, *Teologia da Reconciliação: Ideologia ou reforço da Libertação?* Petrópolis: Vozes - Petrópolis, 1987.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Viver e anunciar a Palavra: As primeiras comunidades cristãs*. São Paulo: Loyola, 1995.

DREHER, Martin Norberto. *Para entender o Fundamentalismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006a.

DREHER, Martin Norberto. *Bíblia - Suas leituras e interpretações na História do Cristianismo*. São Leopoldo: Sinodal - CEBI, 2006b.

LIBANIO, João Batista, *Cenários da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2001.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Atos dos Apóstolos*. São Leopoldo; São Paulo: CEBI; Paulus, 2002.

OROFINO, Francisco. *Acariciando o sonho - Ecumenismo e Igrejas Cristãs*. São Leopoldo: CEBI, 1998.

OROFINO, Francisco; MESTERS, Carlos. *A missão de Jesus e sua prática libertadora*. São Paulo: Paulus, 2021.

SANTA ANA, Júlio H. *Ecumenismo e Libertação: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1987.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Unitatis Redintegratio*. In: COMPÊNDIO do Vaticano II - Constituições, Decretos e Declarações. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 307-332.

Trabalho submetido em 10/05/2024.

Aceito em 19/06/2024.

Francisco Orofino

Doutor em Teologia Bíblica pela PUC Rio. É biblista e educador popular. Assessoria grupos populares e comunidade de base nos municípios da Baixada Fluminense (RJ). É autor de vários livros e leciona em Institutos de Teologia voltados para a formação de leigos. E-mail: forofino@uol.com.br